

CONFUSÃO NO MUNDO HIPPIE

Assassinato, estupro, doenças, suicídio—a face oculta da lua hippie torna-se cada vez mais visível. Até seus líderes confessam que o movimento deteriorou

TALVEZ PELA primeira vez o mundo “quadrado” e o mundo dos hippies ficaram ambos chocados. Em outubro de 1967, a polícia encontrou, no porão de um edifício, no setor hippie do East Village de Nova York, o cadáver de uma bela e rica hippie e o de um malandro cheio de tatuagens, conhecido como “Groovy”—ambos despidos, e com as cabeças esmagadas.* O crime fêz vibrar uma corda especialmente delicada. Para milhões de pais, o assassinato de Linda Fitzpatrick representou a concretização de tôdas as idéias horrendas que atormentam seus espíritos, altas horas da noite, enquanto não ouvem os filhos chegarem a casa. E, para milhares de “filhos das flôres”, o assassinato de James (Groovy) Hut-

* Ver “LSD e Morte no Village”, Seleções, fevereiro de 1968.

chinson pareceu um escárnio à idéia de que a ética do amor podia sobreviver na selva urbana.

Até no Empório Gratuito dos Diggers, centro de distribuição de alimento e vestuário para os hippies no East Village, o ambiente é de ressentimento. “As pessoas entram e querem quebrar a janela”, diz Richie, o proprietário cabeludo. “Aqui não existe mais amor”, suspira Susie, sua garôta. “Todo mundo está com medo. Todo mundo anda armado. Até eu agora uso uma faca.”

“**Vira a Cabeça da Gente**”. Faz já algum tempo que a face oculta da lua hippie se tornou visível. Em 1967, o East Village foi palco de oito homicídios não divulgados, e são numerosos os casos de estupro de jovens hippies. No bairro de Haight-Ashbury em São Francisco, foi encontrado recentemente, pen-

durado num penhasco, o corpo de um traficante de entorpecentes negro, conhecido como "Superspade"; três dias antes, um viciado em LSD, de 23 anos, foi prêso, e em seu poder havia um embrulho contendo o braço decepado de outro traficante de drogas.

Alguns observadores dos hippies afirmam que a metedrina—que êles chamam "velocidade"—uma anfetamina tão volátil que apavora até os que a usam, se encontra por trás da maioria das violências cometidas pelos "filhos das flôres". O sociólogo Lewis Yablonsky, que recentemente realizou um estudo do mundo hippie através dos E.U.A., calcula que 40% dos elementos mais resistentes se transformaram em "tarados da velocidade", ou "monstros da *met*". E não há exagero nos apelidos. Diz um hippie: "Ela vira completamente a cabeça da gente, e a gente fica esquisita e violenta. A gente pode matar alguém em um minuto."

O regime de vida dos hippies—drogas, doces, noitadas sem dormir e sexo descontrolado—é também um convite à autodestruição. Os casos de experiências alucinógenas trágicas, que culminaram com o suicídio, não constituem mais novidade. Tampouco o são as histórias de hippies que voltam ao normal depois de um estado alucinatório, com algo mais grave do que moléstias psíquicas. Antes de ser fechada, em setembro de 1967, a Clínica Médica Gratuita em Haight-Ashbury atendeu cerca

de 13 000 pacientes em três meses, vítimas de doenças que iam da pneumonia à hepatite causada pelas injeções de anfetaminas com agulhas contaminadas. E de Los Angeles, um serviço de contrôle de doenças venéreas informa que, durante o último ano, a incidência destas doenças no bairro hippie elevou-se seis vêzes mais rapidamente do que o índice para a cidade em geral.

Mesmo os veteranos entre os hippies de Haight-Ashbury confessam públicamente que o movimento se está deteriorando. Vários milhares de hippies do "Hashbury" fugiram para as comunas tribais ao longo da costa da Califórnia, para o oeste do Colorado e o centro do Novo México, onde fabricam objetos de contas e de couro, para vender aos turistas. "Antigamente o movimento era bonito", relembra um auto-exilado. "Agora todo mundo briga com todo mundo, procurando experiências alucinógenas por tôda a parte."

Egoísmo e Altruísmo. Quando—e por que—começou essa procura alucinada? Em 1965 Haight-Ashbury era apenas mais um bairro de classe média, em São Francisco, onde moravam várias centenas de jovens estudantes e artistas. Psicologicamente estimulados por doses iguais de LSD, Beatles e canções de Bob Dylan, começaram a professar uma nova e utópica filosofia: que a sociedade se desenvolve mais plenamente na tranqüilidade pastoril, e que as verdades mais profundas ema-

nam da experiência alucinógena. Proclamavam que o ódio poderia ser vencido pela beleza, pelo amor e pela liberdade de expressão.

Essa mistura perfeita de egoísmo com altruísmo logo atraiu discípulos—e o movimento de São Francisco começou a prosperar. Fundou o seu próprio jornal, *O Oráculo*; seu próprio instituto de bem-estar social, os Diggers; suas lojas, salões de dança, formas musicais e artísticas, e linguagem—tudo psicodélico.

Hoje, após a publicação de várias centenas de artigos e dezenas de documentários pela televisão, um mundo hippie existe em tôdas as principais cidades norte-americanas e em meia dúzia de capitais do mundo; seus habitantes possivelmente chegam a 250 000. Como acontece com outros incontáveis movimentos de minorias, baseados numa filosofia simpática, mas pouco prática, os hippies viram seu estilo explorado nas modas, na música, na arte, na propaganda e nas bugigangas—e sua mensagem geralmente relegada a um segundo plano. Apareceram legiões de hippies de imitação, ou “plásticos”. Hippies de fim-de-semana, êstes voltam aos seus lares suburbanos no domingo à noite, e vivem normalmente até à noite de sexta-feira seguinte.

O Ambiente Hostil. Uma grande parte da decadência do mundo hippie, entretanto, pode ser atribuída a um importante erro de cálculo dos seus pioneiros. A favela urbana dificilmente poderia ser o ambiente

próprio para a procura do amor e da beleza.

O East Village de Nova York, antigamente conhecido como Lower East Side, é um exemplo cruel dêste ponto. Esta área de 100 quarteirões abriga uma população poliglota de pôrto-riquenhos, negros, judeus, italianos e eslavos, em sua maioria pobres. Agora mudaram-se para lá cerca de 1 000 hippies. Sua presença no local superlotou perigosamente os parques e os centros de recreação existentes. Mas é na verdade o seu modo de vida o que mais choca as pessoas mais velhas e conservadoras. “Êsses meninos e meninas, amontoados nos carros, usando êsse tipo de linguagem”, queixa-se uma ucraniana idosa. “Que espécie de influência é essa para os meus filhos?”

Em Haight-Ashbury, o descuido dos “filhos das flôres” pelo asseio tem irritado muitos negros da classe média. “De um bairro bom êles fizeram uma favela”, diz um morador negro. “Se algum hippie viesse morar perto de mim, eu me mudaria, porque não poderia agüentar a imundície.”

Além do mais, os favelados mais esclarecidos reconhecem algumas das afetações na filosofia da gente do amor. Linda Cusumano, pôrto-riquenha de 23 anos que dirige uma creche em East Village, é uma delas. “O hippie”, diz ela, “penetra nesta vida hedionda todo alegre, como um personagem de Walt Disney, e nos pede que abramos os braços e digamos: ‘Eu te adoro,

A Odisséia da Meiga Marcy

COM 17 ANOS, Marcy é uma meiga menina. Seu rosto tende para o gorducho, o cabelo louro manchado está precisando de retoque, e usa largas calças pardas de operário, e com elas um suéter largão, verde e prêto. Sua beleza é natural, mas os olhos azuis são vidrados e sonhadores; ela está quase sempre "alta" de entorpecentes. Fugiu de casa e mora no East Village de Nova York.

Marcy criou-se na fria cidade industrial de Flint, Míchigan, onde seu pai era dono de uma pequena loja e de uma casa confortável. Ela se recorda de ter tido, certa vez, uma tartaruga de estimação, que seu pai matou. De outra vez, como castigo à menina, êle destruiu a sua plantação de batatas e melancias. "Meu pai gritava comigo por coisas ínfimas... coisas de nada, como por eu deixar os livros em cima da mesa. Estava sempre ralhando com as crianças."

Alguns dias antes de completar 17 anos, Marcy arrumou uma valise e arranhou uma carona até Detroit. Aí foi morar com um traficante que lhe fornecia os entorpecentes. "Eu experimentei de graça tudo o que havia—o ácido, STP (S-Serenidade, T-Tranqüilidade, P-Paz. Termo hippie para designar a droga), tudo. Era bacana. Eu ficava alta duas vezes por semana—mais do que isto não é bom—e dormia até à uma hora." Perto do fim de julho pegou uma carona e foi a um festival folclórico em Newport, Rhode Island. "Depois disso", disse ela, "vim parar aqui."

Desde então Marcy tem morado numa espelunca atrás da outra, cêrca de 25 ao todo. Come quando tem o quê e, quando não tem, pede esmola na rua. Os entorpecentes ela ganha de graça, dos amigos. "Agora vivo para êles", diz ela, ainda flutuando numa euforia de 24 horas sob a ação do LSD reforçado com codeína. "A palavra 'drogas' vem intercalada em cada duas palavras que digo."

hippie'. Menino, o amor é o que mais dá trabalho no mundo—a gente tem de agüentar um bocado de ódio antes de conseguir o amor. Êles jamais conquistarão o mundo sem trabalhar, ou desertando—porque isso é simplesmente fugir."

Não obstante, os desertores continuam a chegar. As estatísticas referentes às pessoas desaparecidas in-

dicam um aumento de 18% sobre as dos dois últimos anos, atribuível, em grande parte, aos adolescentes que embarcam na aventura hippie.

Quem são êles? Em Nova York, onde se acredita que centenas de jovens desaparecidos estão vivendo como hippies, a polícia divulgou, em outubro de 1967, que pela primeira vez o número de meninas fu-

Como um coelhinho manso, sôlto nos bosques, Marcy é prêsa fácil. “Ando por aqui, às três ou quatro horas da manhã, e não me deixo atemorizar. É claro que a gente pode ser assassinada, ou violentada. Bem, ser violentada não é a pior coisa do mundo. Mas não quero que isso aconteça agora. Dói demais.”

Dói porque Marcy engravidou e fêz um abôrto há algumas semanas, com uma mulher pouco mais velha do que ela própria. “Ela parecia saber o que estava fazendo”, diz Marcy. “Mas dizia piadas grosseiras. E o abôrto doeu. Menino, como doeu! Tenho pena que tenham matado a criança. Gosto de crianças. Mas o problema é o seguinte: o pai era de côr, eu sou branca, e não queria um bebê de côr.” Dias depois, Marcy apareceu com uma infecção oriunda do abôrto, e agora freqüenta esporadicamente uma clínica hospitalar.

Últimamente Marcy está morando com dois homens “direitos” num sôtão do East Village. Ela é como um objeto de estimacão humano; prepara a comida dos dois, quando chegam do trabalho, e tem um cantinho para si. “Eu o chamo de meu quarto. Detesto ser um pêso-morto, e acho que aqui não o estou sendo.” Marcy espera arranjar um lugar que seja dela, para morar, onde possa entrar e sair quando quiser. “Preciso de um lugar onde possa sossegar, mesmo que não tenha móveis, nem banheiro, nem água quente. Preciso de um lugar só meu.”

Marcy possui uma vitalidade animal que possibilitou a sua sobrevivência . . . até aqui. No entanto, sobrevivência não é felicidade. As vêzes ela fala em divertir-se, mas vive tão atordoada que raramente chega a fazê-lo. Muitas vêzes senta-se sòzinha, no seu canto do sôtão, acariciando a sua gata. “O mal desta gata é que ela é solitária”, disse ela. “Sempre solitária.”

gidas de casa era maior que o de rapazes. A maioria destas parece compor-se de jovens gravemente perturbadas, como Marcy. Outras são como Linda Fitzpatrick—produtos superprivilegiados do ideal norteamericano.

Sexo e Sobrevivência. Geralmente ingênuas, elas logo descobrem que para sobreviver nas ruas—e para

custear o vício dos entorpecentes—é preciso algo mais palpável do que o poder da flor. Linda saiu-se melhor do que muitas outras: quando se esgotaram seus recursos, recorreu a um emprêgo de meio expediente e à mendicância. Outras arranjam empregos na indústria hippie, vendendo cartazes, botões, contas e jornais proibidos. Mas a fonte de renda

mais lucrativa é o tráfico de entorpecentes—a maioria dos hippies são seus próprios fornecedores. O preço atual do LSD no atacado é de mais de 2 000 dólares a grama, e até mesmo um traficante inexperiente pode obter um lucro razoável.

A caloura também aprende depressa que uma atitude sexual aquiescente faz parte dessa vida. “A grande maioria das meninas que fogem de casa vêm à procura da beleza e da verdade”, diz o psicólogo Allan Edwards. “Mas para conseguir companhia, drogas e até mesmo comida e água elas descobrem que é necessário tornar-se objetos de sexo. É a regra do jogo.”

São essas coisas que levam os “quadrados” a suspeitarem que a vida dos hippies é uma existência estranhamente sem alegria. E é. No decurso de uma noite típica no *Something!!*, refúgio hippie no East Village, meninas e rapazes de olhos fundos sentam-se nos reservados, olhando, sem expressão, para a calçada suja da rua. Estão se “embalando”, dizem eles, mas para muitos este termo tornou-se, há muito, outra forma de dizer “esperando

que algo aconteça”— tal e qual os garotos do nosso bairro.

O vazio de tudo isso fez muitos hippies procurarem novos ambientes. Mas o sociólogo Harry Silverstein, de Nova York, avalia em 90% o número dos que regressarão aos seus locais de origem. Muitos certamente levarão consigo uma necessidade insaciável de tomar drogas; outros acharão que nunca mais se poderão ajustar a um ambiente conservador. Mas, apesar de tôdas as suas dificuldades, pelo menos alguns daqueles que já experimentaram o mundo dos hippies parecem ter adquirido uma nova compreensão de si mesmos e da sua sociedade.

Um ex-filho das flôres, de 18 anos, interessou-se pelo credo hippie, mas não por muito tempo. “Não consegui identificar-me com êle”, diz o rapaz. “Bem, eu ainda fumo um pouco de maconha, ainda uso linguagem hippie com os amigos. Mas no último verão eu trabalhei pela paz, e senti-me muito melhor do que quando ficava só flanando.”

Êste mostra todos os indícios de ser um dos poucos que tiveram muita sorte.



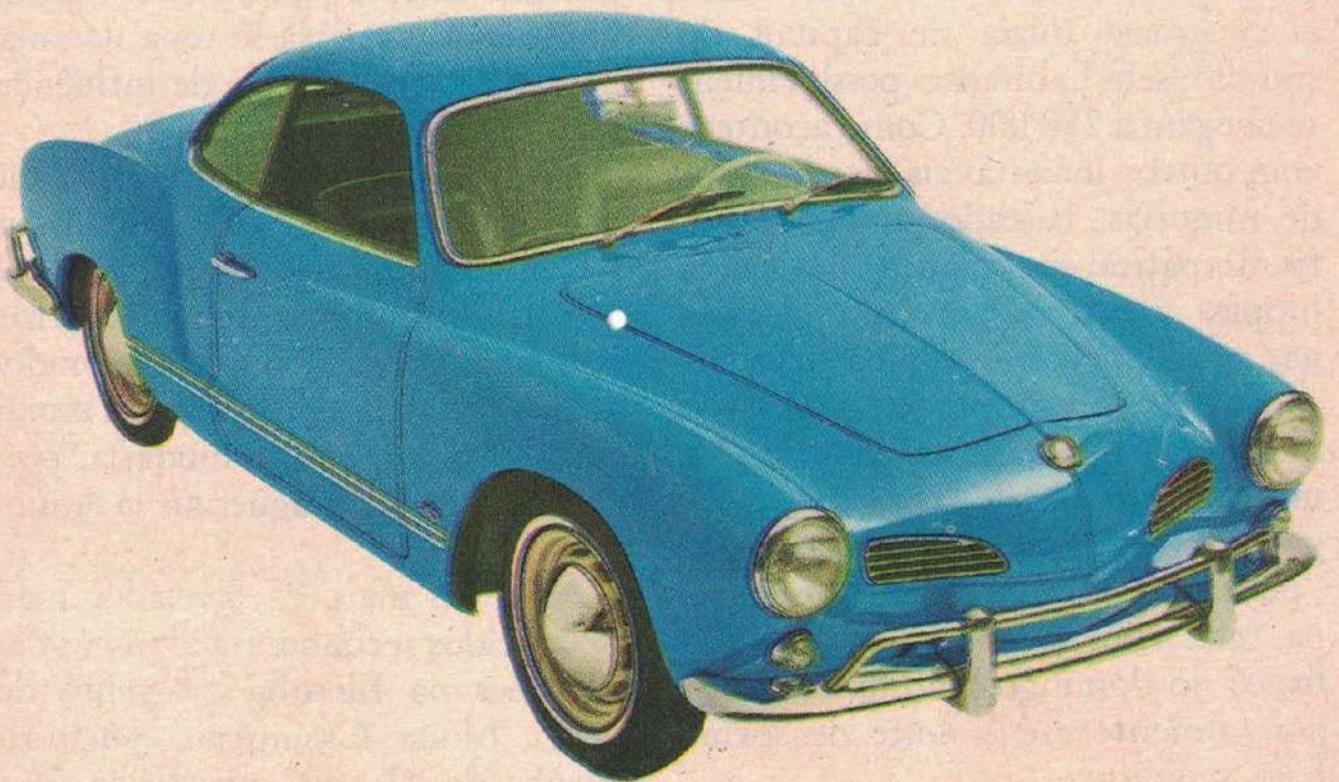
UMA enxurrada de violetas derramando-se pelo barranco (E. W. T.)

QUEIXA de uma adolescente: “Francamente, não sei o que dar a mãe no Dia das Mães. Ela já tem tudo o que eu preciso” (Salon Gahlin, em *Dagens Nyheter* de Estocolmo)

ENTRE amigas: “Ela é uma espécie de safira bruta” (J. X. D.)

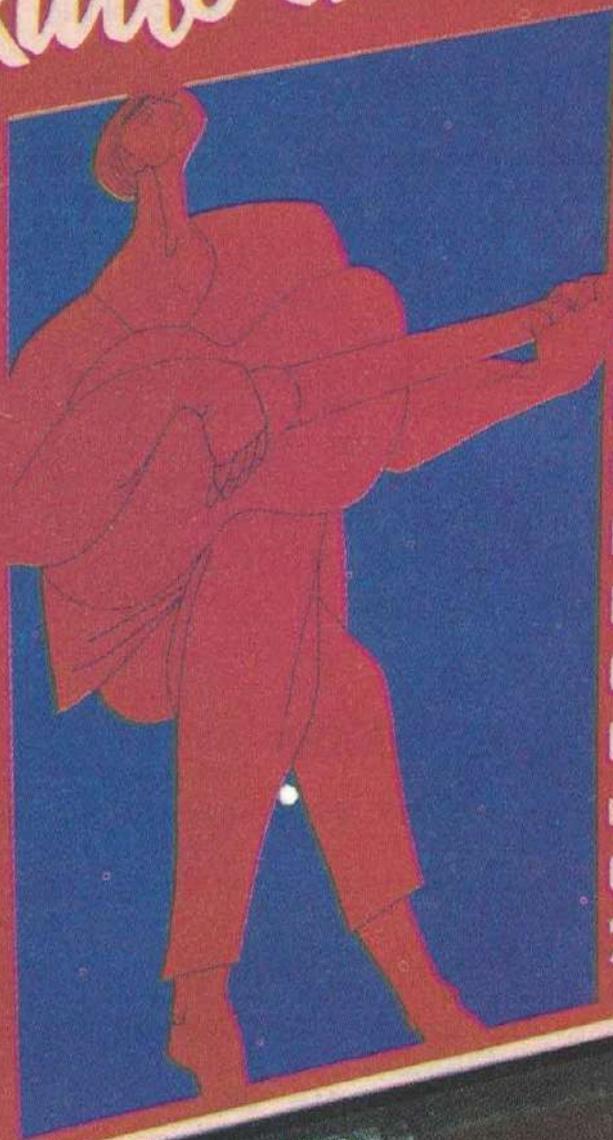
SURPRESAS JUNINAS

Mais um sensacional concurso de Seleções que oferece 10 Karmann Ghia 1500 e muitos outros valiosos prêmios.



Mais adiante você encontrará a relação dos outros grandiosos prêmios, ilustrados a cores. Você concorrerá a todos eles pela Loteria Federal de 29-6-68 se nos devolver o cartão de pedido. Com a encomenda, enviaremos um cupom numerado que habilitará o portador a retirar o prêmio a que tiver direito.

Máximo da Bossa



Antonio Carlos Jobim
Vinícius de Moraes
Sylvia Telles
Roberto Menescal
Baden Powell
Nara Leão
Edo Lobo
Quarteto em Cy
MPB - 4

E também

Que é Bossa Nova?
Produção e narração de
ALOYSIO DE OLIVEIRA

Seleções  ELENGO

Seleções